



## LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

**O processo de (des)humanização em Guimarães Rosa e Mia Couto: uma análise de “Conversa de bois” e “O dia em que explodiu Mabata-bata”**

*The process of (de)humanization in Guimarães Rosa and Mia Couto: an analysis of “Conversation among oxen” and “The day in which Mabata-bata exploded”*

Jildonei Lazzaretti<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este texto consiste em uma análise comparativa entre os contos *Conversa de bois*, de João Guimarães Rosa, e *O dia em que explodiu Mabata-bata*, de Mia Couto, a fim de identificar os processos de desumanização aos quais estão submetidas as duas crianças dessas narrativas; e posteriormente, os processos de humanização que são desencadeados por meio da ação dos bois presentes nos dois contos. Essa análise fundamenta-se nas concepções teóricas de Ernest Fischer e Antonio Candido sobre a função humanizadora da arte, de modo geral, e da literatura, de forma mais específica; como também baseia-se no pensamento de Benjamin Abdala Júnior sobre a existência de um macrosistema literário constituído pelas literaturas de língua portuguesa. Deste modo, a presente análise constata, nos dois contos, a existência de uma relação tríade entre homens, crianças e bois, que condiciona os processos de desumanização, e suas consequentes ações humanizadoras.

**Palavras-chave:** Literatura; humanização; desumanização; Guimarães Rosa; Mia Couto.

**ABSTRACT**

*This text consists of a comparative analysis between the short stories Conversation among oxen, by João Guimarães Rosa, and The day in which Mabata-bata exploded, by Mia Couto, in order to identify the processes of dehumanization to which the two children in these narratives are subjected and later, the humanization processes that are triggered by the action of the oxen present in the two stories. This analysis is based on the theoretical conceptions of Ernest Fischer and Antonio Candido on the humanizing function of art, in general, and of literature, more specifically; and is also based on the thought of Benjamin Abdala Júnior on the existence of a literary macrosystem constituted by the literatures of the Portuguese language. Thus, the present analysis finds, in both stories, the existence of a triad relationship between men, children and oxen, which conditions the processes of dehumanization, and their consequent humanizing actions.*

**Keywords:** Literature; humanization; dehumanization; Guimarães Rosa; Mia Couto.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria/RS – Brasil. E-mail: [jildoneilazzaretti@hotmail.com](mailto:jildoneilazzaretti@hotmail.com)



## 1. UMA POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO

Os países colonizados por Portugal possuem, em suas literaturas, diversos elementos em comum, principalmente a ideia de uma identidade nacional formada a partir da gradual desvinculação de sua antiga metrópole. Partindo dessa tradição histórico-cultural comum aos países de língua oficial portuguesa, é possível admitir, como o fez Benjamin Abdala Júnior, “a existência de um macrossistema marcado como um campo comum de contatos entre os sistemas literários nacionais.” (ABDALA JÚNIOR, 2003, p.103). Esse macrossistema, segundo o autor, nutre-se “do passado comum, mas também do diverso de cada atualização concreta das literaturas de língua portuguesa.” (ABDALA JÚNIOR, 2003, p.103).

Nesse sentido, Abdala destaca que, embora em tempos distintos, Portugal, Brasil e as nações africanas de língua oficial portuguesa possuem em comum um processo histórico de formação nacional que se deu “em confronto com as formas alienatórias do imperialismo.” (ABDALA JÚNIOR, 2003, p.106). Os autores que se envolveram com essa causa de libertação social e ideológica são normalmente designados, pela crítica literária de viés marxista, como “escritores engajados”. Sob esse prisma, a vinculação desses autores com tais ideais possibilita um compartilhamento solidário de suas experiências: “os escritores engajados estão comprometidos com a transformação e suas perspectivas críticas não lhes permitem descartar a experiência alheia.” (ABDALA JÚNIOR, 2003, p.107).

Considerando essa interação cultural, é possível estabelecer paralelos entre os “escritores engajados” da literatura de língua portuguesa. Essa possibilidade é intensificada ainda mais quando as aproximações são realizadas entre autores cujos países são ex-colônias.

Nesse cenário pós-colonial, que pressupõe um engajamento ideológico, são evidenciadas semelhanças notáveis entre autores distintos, como por exemplo, o brasileiro João Guimarães Rosa e o moçambicano Mia Couto. Em sua palestra *O sertão brasileiro na savana moçambicana* (2005), o próprio Mia Couto reconhece que a sua obra possui convergências com a de Guimarães Rosa, a qual lhe mostrou que é possível recriar, por meio da linguagem poética, um universo marcado por diferentes estratos socioculturais.

Ao comparar esses dois autores, a primeira similaridade que vem à tona refere-se, obviamente, à perspectiva ideológica de ambos. Ao escreverem a partir do contexto das ex-colônias Brasil e Moçambique, Guimarães Rosa e Mia Couto constroem uma produção ficcional permeada por relações de poder, em que ficam evidentes os conflitos entre “oprimido” e “opressor”, para usar uma terminologia marxista. No entanto, mesmo que alguns críticos literários pressuponham uma “onipresença” dos instrumentais do marxismo nesses autores, não se pode reduzir suas obras a uma mera “cartilha revolucionária” apresentada em forma de literatura. Na verdade, Guimarães Rosa e Mia Couto não são apenas “militantes marxistas” descrevendo os conflitos de classes da sociedade; mas são, sobretudo, observadores do próprio ser humano que, em suas contradições interiores, é capaz de destruir a si mesmo e aos seus semelhantes. Em outras palavras, ao tratar de injustiças e desigualdades sociais, os referidos autores estão retratando um produto da própria ação humana, que, paradoxalmente, é capaz de promover processos de desumanização.

Tal constatação fica evidente nos contos *Conversa de bois*, de Guimarães Rosa, e *O dia em que explodiu Mabata-bata*, de Mia Couto. Porém, os processos de desumanização presentes nesses



contos não podem ser compreendidos apenas sob o prisma de uma relação unilateral entre “opressor” – aquele que desumaniza – e “oprimido” – aquele que é desumanizado. Na verdade, nos dois contos, esse processo é marcado pela relação entre três tipos de sujeitos: 1) aquele que “desumaniza”; 2) aquele que é “desumanizado”; e, 3) e aquele que, de algum modo, exerce o papel de “testemunha delatora” desse processo de desumanização. Assim, no que tange à relação entre esses três sujeitos, constatam-se muitas semelhanças entre *Conversa de bois* e *O dia em que explodiu Mabata-bata*. Em ambos, aquele que “desumaniza” é um homem adulto – Agenor Soronho no conto de Guimarães, e o tio Raul na narrativa de Mia Couto – ao passo que o “desumanizado” é uma criança – Tiãozinho em *Conversa de bois* e Azarias em *O dia em que explodiu Mabata-bata*. Já as testemunhas que denunciam o processo de desumanização são, ironicamente, animais irracionais, mais especificamente, bois.

Assim, nos dois contos, constatam-se interações entre homens, crianças e bois que compõem um contexto de desumanização. No entanto, ao ser expresso literariamente, tal contexto desumanizador passa a estar inserido, paradoxalmente, em um processo de humanização, que constitui uma das funções da literatura.

## **2. O PROCESSO DE DESUMANIZAÇÃO: DA CONTRADIÇÃO DO SER HUMANO A UMA SOCIEDADE CONTRADITÓRIA**

De acordo com Antonio Candido (1995), o ser humano, nos tempos atuais, tem se mostrado extremamente contraditório. Segundo ele, é nítido que o ser humano atingiu um “grau máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza.” (CANDIDO, 1995, p.235); no entanto, ao mesmo tempo, “a irracionalidade do comportamento é também máxima.” (CANDIDO, 1995, p.235). Assim, o mesmo ser humano que racionalmente fez descobertas científicas grandiosas, em seu comportamento, revela-se cada vez mais irracional, agindo apenas por seus instintos e interesses individuais.

Citando o exemplo da energia atômica, que pode ser usada como uma força criadora, mas também como uma arma de destruição em massa, Candido conclui que “os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria.” (CANDIDO, 1995, p.235). Nesse sentido, tem-se uma situação paradoxal em que o “progresso da humanidade” vem acompanhado de sua gradual deterioração. Os acontecimentos históricos dos últimos séculos demonstram que o ser humano, no exercício de sua racionalidade, é capaz de destruir a si mesmo e aos demais, seja por meio de conflitos bélicos ou pela exploração econômica.

Mas essa autodestruição promovida pelo ser humano deve ser entendida dentro de seu contexto histórico. Buscando compreender isso, observa-se que a sociedade e as práticas sociais transformaram o ser humano de tal modo que foram capazes de desumanizá-lo. Em tal processo de desumanização, as pessoas vão sendo transformadas pelas condições ideológicas que predominam no ambiente em que vivem. Assim, na sociedade atual, por exemplo, as pessoas passam a projetar para suas relações interpessoais a lógica predominante no sistema econômico vigente, no caso o capitalismo. E, a partir dessa “lógica de mercado”, o ser humano acaba sendo coisificado, tratado como uma mercadoria que pode ser usada, trocada ou descartada. Deste modo, é relevante considerar essas circunstâncias de desumanização, que evidenciam as contradições do ser humano.



A desumanização enquanto perda – total ou parcial – da humanidade pode ser relacionada com categorias propostas por Karl Marx, na obra *O Capital*, entre elas a *alienação* e a *reificação*. Segundo ele, a *alienação* é o processo pelo qual o ser humano se torna um estranho para si mesmo; e isso ocorre devido à exploração do trabalho, onde as classes dominantes – que possuem os meios de produção – oprimem o proletariado, os trabalhadores assalariados. Marx salientou que juntamente com a alienação ocorre também aquilo que ele chamou de *reificação*, que consiste em uma “coisificação” do ser humano, pela qual o valor do homem é determinado pela mercadoria produzida por ele. O ser humano é coisificado pela mercadoria (coisa) que ele mesmo produz.

Enfim, nessas categorias propostas por Marx, observa-se a manifestação de processos de desumanização, pois na alienação o homem passa a não reconhecer mais sua própria identidade, torna-se um estranho para si mesmo, e na reificação o ser humano é tratado por terceiros como uma coisa, um objeto.

Essas duas manifestações de desumanização podem ser encontradas nos contos *Conversa de bois*, de Guimarães Rosa e *O dia que explodiu Mabata-bata*, de Mia Couto, em que Tiãozinho e Azarias são tratados de forma desumana por Agenor Soronho e pelo tio Raul, respectivamente, sendo explorados por meio da função que desempenham como guias dos bois.

Observando os fatos narrados, é possível perceber que a reificação é uma atitude que parte de uma pessoa em relação à outra, que ela passa a “coisificar”; enquanto que a alienação é uma postura da própria pessoa em relação a si mesma. Assim, o ser humano pode ser desumanizado pelos outros – à medida que é explorado – mas também por si mesmo – aceitando passivamente as situações de injustiça e de opressão.

Nesse sentido, um mesmo acontecimento pode conter tanto a reificação quanto a alienação. Isso se observa no caso do menino Azarias, que, ao ser explorado pelo tio, conforma-se de tal modo com a situação que deseja fugir para viver entre os animais no meio da mata:

A ameaça do tio soprava-lhe os ouvidos. Aquela angústia comia-lhe o ar todo. Que podia fazer? Os pensamentos corriam-lhe como sombras mas não encontravam saída. Havia uma só solução: era fugir, tentar os caminhos onde não sabia mais nada. Fugir é morrer de um lugar e ele, com os seus calções rotos, um saco velho a tiracolo, que saudade deixava? Maus tratos, atrás dos bois. Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não, não era filho. O serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância. Brincar era só com os animais: nadar o rio na boleia do rabo do Mabata-bata, apostar nas brigas dos mais fortes. Em casa, o tio adivinhava-lhe o futuro:

– *Este, da maneira que vive misturado com a criação há-de casar com uma vaca.*

E todos se riam, sem quererem saber da sua alma pequenina, dos seus sonhos maltratados. (COUTO, 2013, p.44).

Mas também há situações de reificação em que aqueles que são desumanizados também acabam promovendo a desumanização, como se observa em *Conversa de bois*, quando Tiãozinho de tanto ser explorado e ridicularizado por Agenor Soronho, acaba desejando sua morte:



– [...] Mas não precisa de correr que não é sangria desatada... Tu não vai tirar o pai da forca, vai?... Teu pai já está morto, tu não pode por vida nele outra vez!... Deus que me perdoe de falar isso, pelo mau de meus pecados, mas também a gente cansa de ter paciência com um guia assim, que não aprende a trabalhar [...]

Enlameado até à cintura, Tiãozinho cresce de ódio. Se pudesse matar o carreiro... Deixa eu crescer!... Deixa eu ficar grande!...Hei de dar conta desse danisco... Se uma cobra picasse seu Soronho... Tem tanta cascavel nos pastos... Tanta urutu, perto de casa... Se uma onça comesse o carreiro, de noite... Um onção grande, da pintada... Que raiva!... (ROSA, 1973, p.307-308).

Ao tratar dessas situações de exploração, que constituem um processo de desumanização, Guimarães Rosa e Mia Couto estão, na verdade, explorando o potencial humanizador da literatura, sua capacidade de confirmar a humanidade do ser humano, e de, conseqüentemente, questionar tudo que ameace sua integridade.

### 3. O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO POR MEIO DA FUNÇÃO HUMANIZADORA DA LITERATURA

Ernst Fischer, em sua obra *A necessidade da arte* destaca o fato de que toda manifestação artística representa o ser humano e sua cultura em determinada época, mas também influencia o próprio ser humano na constituição de sua humanidade:

Toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento. (FISCHER, 1976, p.17).

Ele acrescenta que a arte aperfeiçoa o ser humano, capacitando-o a aprimorar sua humanidade: "sua função concerne sempre ao homem total, capacita o 'Eu' a identificar-se com a vida de outros, capacita-o a incorporar a si aquilo que ele não é, mas tem possibilidade de ser." (FISCHER, 1976, p.19). Ou seja, a arte em geral auxilia o ser humano a perceber aquilo de humanidade que lhe falta, mas que ele é capaz de desenvolver e cultivar.

Antonio Callado comentando a obra de Fischer destaca o papel humanizador da arte, principalmente nesta sociedade mecanicista, marcada pela desumanização e desigualdade:

À medida que a vida do homem se torna mais complexa e mecanizada, mais dividida em interesses e classes, mais "independente" da vida dos outros homens e, portanto, esquecida do espírito coletivo que contempla uns homens nos outros, a função da arte é refundir esse homem, torná-lo de novo são e incitá-lo à permanente escalada de si mesmo. (CALLADO, 1976, p.8).

Além de destacar o papel indispensável da arte no processo de constituição do ser humano, Fischer observou que, ao longo de seu desenvolvimento histórico, a arte foi sendo caracterizada por dois elementos: um *elemento mágico*, que torna a arte atrativa e que envolve o ser humano; e um *elemento de crítica social*, que desafia o ser humano a agir e modificar a realidade na qual ele está inserido. E até hoje esses dois elementos prevalecem na arte, mesmo que em proporções diferentes:



É verdade que a função essencial da arte para uma classe destinada a transformar o mundo não é a de fazer mágica e sim a de esclarecer e incitar à ação; mas é igualmente verdade que um resíduo mágico na arte não pode ser inteiramente eliminado, de vez que sem este resíduo provindo de sua natureza original a arte deixa de ser arte. (FISCHER, 1976, p.20).

Ernest Fischer conclui que a necessidade da arte, auxiliando no processo de humanização do homem, está justamente ligada a esses dois elementos: "A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente." (FISCHER, 1976, p.20).

Entre as várias formas de manifestação artística – que, segundo Fischer, têm como características a magia e a capacidade de transformar o mundo – certamente a literatura é aquela cujo potencial humanizador fica mais evidente. Ela é a arte que verbaliza, transforma em palavras aquilo que está no âmbito dos sentimentos, das emoções e dos pensamentos. Como salienta o crítico literário Antonio Candido, "a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. [...] A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo." (CANDIDO, 1995, p.245-246).

Assim, há na literatura um potencial humanizador que lhe possibilita representar a humanidade do homem, bem como auxiliar na humanização do próprio ser humano. Em sua palestra *A literatura e a formação do homem* (1999), Antonio Candido afirmou que a literatura possui uma função humanizadora, que ele definiu como "a capacidade que ela tem de confirmar a humanidade do homem." (CANDIDO, 2012, p.81). Candido chega a apresentar a literatura como "força humanizadora" que "exprime o homem e depois atua na própria formação do homem." (CANDIDO, 2012, p.82). Então, além de reproduzir e representar o ser humano, a literatura contribui para a formação do próprio ser humano.

Mas ela não "forma" segundo os valores pré-estabelecidos – de acordo com o verdadeiro, o bom e o belo – pois ela "age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, – com altos e baixos, luzes e sombras." (CANDIDO, 2012, p.84). O literato deixa claro que a literatura "não corrompe nem edifica [...] mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver." (CANDIDO, 2012, p.85).

Em seu texto *O direito à literatura* (CANDIDO, 1995), Antonio Candido defende que a literatura é uma necessidade e um direito universal do ser humano, justamente porque ela o humaniza e o enriquece:

Ela (a literatura) é uma necessidade universal imperiosa, [...] fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. Em todos esses casos ocorre humanização e enriquecimento, da personalidade e do grupo, por meio de conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão. (CANDIDO, 1995, p.248-249).

Nessa perspectiva, Candido define de forma bem objetiva que essa humanização é:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da





vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1995, p.249).

E ele destaca o modo pelo qual a literatura exerce sua função humanizadora e produz seus efeitos: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (CANDIDO, 1995, p.249).

Além de exercer essa função humanizadora, a literatura também pode veicular, pelo conteúdo de suas obras, realidades ou acontecimentos que indicam um processo de humanização de seus personagens, à medida que confirma sua humanidade em seus aspectos essenciais. Tal processo de humanização pode ser observado nos contos *Conversa de bois* e *O dia que explodiu Mabata-Bata*, sendo condicionado pela relação tríade entre homens, crianças e bois. Nesse contexto, os animais exercem tanto um papel de testemunhas da desumanização – realizada pelos homens sobre as crianças – como também desempenham a função de elemento deflagrador de um processo de humanização – pelo qual as crianças se libertam das situações de exploração a que estavam submetidas.

#### 4. OS ANIMAIS COMO TESTEMUNHAS DA DESUMANIZAÇÃO E AGENTES DA HUMANIZAÇÃO

A relação entre animais e seres humanos é uma constante na História Universal, sendo marcada tanto por aproximações e oposições, como também por intercâmbios de atributos e representações híbridas. Essas manifestações são encontradas desde as antigas civilizações persa, egípcia e mesopotâmica, passando pela mitologia grega, até personagens recentes do folclore popular ou de desenhos animados com super-heróis mutantes.

Em *Conversa de bois* e *O dia que explodiu Mabata-bata*, os animais aparecem junto às crianças, assumindo tanto o papel de testemunhas dos atos de desumanização, como também sendo agentes de um processo de humanização. Em relação a esse último aspecto, é necessário destacar que os bois podem ser considerados como “testemunhas” no sentido de que eles próprios eram “instrumentos de trabalho” dentro da atividade exploratória à qual as crianças eram submetidas: no conto de Guimarães Rosa, os bois eram guiados por Tiãozinho, sob às ordens do carreiro Agenor Soronho; já na narrativa de Mia Couto, os bois são pastoreados por Azarias, à mando de seu tio Raul.

Há peculiaridades bastante significativas no modo como os dois autores relatam a atuação dos animais enquanto testemunhas daquilo que ocorria com as crianças. Em *Conversa de bois*, como se pode depreender do próprio título do conto, as quatro juntas de bois – formadas por Buscapé e Namorado, Capitão e Brabagato, **Dansador e Brilhante, Realejo** e Canindé – travam longos diálogos enquanto estão puxando o carro, guiado por Tiãozinho, e no qual está o carreiro Agenor Soronho, levando sua carga de rapadura, e sobre ela o caixão com o finado Januário, pai de Tiãozinho. Nas suas conversas, os oito bois adquirem certa empatia por Tiãozinho, a quem se referem como “bezerro-de-homem”:

- E o bezerro-de-homem-que-caminha-sempre-na-frente-dos-bois?
- O bezerro-de-homem-que-caminha-adiante vai caminhando devagar... Ele está babando água dos olhos...



[...]

– O bezerro-de-homem está andando mais devagar ainda. Ele também está dormindo. Dorme caminhando como, como nós sabemos fazer. Daqui a pouco ele vai deixar cair o seu pau-comprido, que nem um pedaço quebrado de canga... Já babou muita água dos olhos... Muita...

[...]

– O bezerro-de-homem sabe mais, às vezes... Ele vive muito de perto de nós, e ainda é bezerro... Tem horas em que ele fica ainda mais perto de nós... Quando está maio dormindo, pensa quase como nós bois ... (ROSA, 1973, p.317-319).

Já em *O dia que explodiu Mabata-bata*, o boi, ao qual se refere o título do conto, aparece apenas no início da narrativa, quando é descrita de forma impactante e emblemática a sua explosão ao pisar em uma mina: “De repente, o boi explodiu. Rebentou sem um múúú.” (COUTO, 2013, p.40). A cena da explosão do boi Mabata-bata é descrita de forma poética por meio de imagens que, paradoxalmente, intensificam e atenuam a gravidade do acontecimento: “No capim em volta choveram pedaços e fatias, grão e folhas de boi. A carne eram já borboletas vermelhas. Os ossos eram moedas espalhadas. Os chifres ficaram num qualquer ramo, balouçando a imitar a vida, no invisível do vento.” (COUTO, 2013, p.40). Mesmo que apenas sua morte seja narrada, o boi Mabata-bata, por ser pastoreado por Azarias, certamente é testemunha direta da exploração que o menino sofria, tendo que trabalhar para seu tio Raul e sendo proibido de ir à escola. Além disso, a morte do boi Mabata-bata faz com que Azarias, tomado de medo, passe a recordar as ameaças de seu tio: “– Não apareças sem um boi, Azarias. Só digo: é melhor nem apareceres”. (COUTO, 2013, p.41).

É relevante também observar a representação simbólica desses animais, que, nos dois contos, são bois. Conforme o *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, os bois “do ponto de vista simbólico e histórico-cultural, representam o oposto amansado (castrado) do touro selvagem, imagem da servidão paciente e da força pacífica.” (BIEDERMANN, 1993, p.57). De forma paradoxal, são justamente essas figuras simbólicas da subserviência, que realizam pacífica e passivamente o trabalho pesado, que assumem uma posição decisiva nas narrativas de Guimarães Rosa e Mia Couto, participando como agentes de um processo de humanização, visto que, de algum modo, libertam as crianças de uma situação exploratória.

Os bois, no conto de Guimarães Rosa, são os responsáveis pelo destino de Agenor Soronho que morre ao cair do carro conduzido por eles, permitindo assim que Tiãozinho se libertasse das humilhações causadas pelo carreiro:

[...] os oito bois das quatro juntas se jogaram para diante, de uma vez ... E o carro pulou forte, e craquejou, estrambelhado, com um guincho do cocão.

– Virgem, minha Nossa Senhora!... Ôa, ôa, boi! ... Ôa, meu Deus do céu! ...

Agenor Soronho tinha o sono sereno, a roda esquerda lhe colhera mesmo o pescoço, e a algazarra não deixou que se ouvisse xingo ou praga – assim não se pôde saber ao certo se o carreiro despertou ou não, antes de desencanar. Tanto mais que, do cabeçalho ao chão, a distância é pequena; e uma rodeira de carro, bem ferrada, chapeada nas bandejas e com o aro ondulado de gomos metálicos, pesa no mínimo setenta quilos. (ROSA, 1973, p.322).





Já na narrativa de Mia Couto, o boi Mabata-bata, que aparece somente no início do conto, desencadeia, por meio de sua morte, uma série de acontecimentos que condicionam a morte de Azarias. Em outras palavras, é devido à fatalidade ocorrida com o boi que ocorre a tragédia com o menino, a qual permite, mesmo que dramaticamente, a sua libertação da desumanizadora situação de exploração à qual seu tio Raul o submetia. Nesse sentido, a própria morte do menino é descrita como um encontro com a ave de fogo, o *Ndlati*: “antes que a ave do fogo se decidisse Azarias correu e abraçou-a na viagem da sua chama.” (COUTO, 2013, p.48). Certamente, tal imagem da morte, como uma chama que arde, remete aos próprios atributos do fogo enquanto elemento purificador e transformador.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, observa-se que tanto Guimarães Rosa, em *Conversa de bois*, como Mia Couto, em *O dia em que explodiu Mabata-bata*, descrevem processos de desumanização nos quais homens adultos exploram e humilham crianças que lhe são próximas; como também retratam processos de humanização em que os bois são colocados como agentes deflagradores de acontecimentos que libertam tais crianças. Nos dois contos, as decisões sobre os destinos dos seres humanos são tiradas das mãos dos homens, e confiadas aos bois, por meio dos quais se inicia um processo de humanização.

Certamente, há aí uma forte crítica social às atitudes contraditórias dos seres humanos que, historicamente, ocasionaram resultados danosos, como as guerras, os genocídios, os atentados terroristas, as injustiças sociais, a exploração através do trabalho escravo ou infantil, entre tantos acontecimentos por meio dos quais os homens prejudicam, exploram ou destroem seus semelhantes. Mas, além da crítica social, a arte, conforme Fischer (1976), também possui um caráter mágico que envolve e impressiona o ser humano, como se observa nas instigantes e profundas conversas bovinas do conto de Guimarães Rosa, e na poética e paradoxal descrição da explosão de um boi, na narrativa de Mia Couto.

## 6. REFERÊNCIAS

- ABDALA JÚNIOR, B. **De voos e ilhas**: literatura e comunitarismos. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.
- BIEDERMANN, H. **Dicionário ilustrado de símbolos**. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- CALLADO, A. Prefácio. In: FISCHER, E. **A necessidade da arte**. 5. ed. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p.8-10.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, p.81-90, 2012.
- COUTO, M. O dia em que explodiu Mabata-bata In: **Vozes anoitecidas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.39-48.
- COUTO, M. O sertão brasileiro na savana moçambicana. In: **Pensatempos**: textos de opinião. Maputo: Ndjira, 2005.
- FISCHER, E. **A necessidade da arte**. 5. ed. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.



MARX, K. **O capital**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968. v.I.

ROSA, J. G. Conversa de bois. In: **Sagarana**. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p.287-323.

Submetido em: **04/03/2019**

Aceito em: **11/09/2021**